

## PREFÁCIO<sup>1</sup>

A universidade, enquanto instituição, convive desde sempre com o paradoxo de ser um *locus* privilegiado de mudança e de transformação e, ao mesmo tempo, de se constituir nesse processo como um espaço de relativa estabilidade. Nem sempre a harmonização desses dois movimentos é possível, o que faz com que os processos de transformação propostos pela instituição universitária por vezes deixem de ser transformadores dela própria enquanto instituição.

Quanto mais a universidade dialoga consigo mesma e com a sociedade, mais ela potencializa sua capacidade de transformação. Na própria formulação do conceito que ora entendemos como universidade, o termo *universitas* traz em si a contraposição da força centrípeta do elemento etimológico *uni* – único – e da força centrífuga do verbo latino *vertere*, que se refere à sua potência de mudança, sua capacidade de verter para além de si mesma. Essa contraposição, longe de ser algo que paralisa é – salvo melhor juízo – uma força motriz, algo que movimenta a universidade ciclicamente, para dentro e para fora de si ao mesmo tempo.

Assim, muitas transformações pelas quais a universidade passou ao longo de sua milenar história podem ser analisadas a partir de um olhar atento para a relação entre transformação e preservação – do *status quo*, das relações com a sociedade e da produção de conhecimento. Algumas dessas transformações são voltadas mais à relação que a instituição mantém com a sua missão do que estritamente àquilo que a universidade visa produzir, como é o caso de movimentos de expansão, de internacionalização, dentre outros. Tais transformações cumprem o papel de “desestabilizar”, de produzir questionamento e de abalar certezas, como bem convém a um espaço que tem no conhecimento o seu horizonte e o seu caminho. Exatamente por isso, são geradores de tensionamentos e realinhamentos que explicam porque instituições milenares, como a universidade, seguem fortes e se adaptam às circunstâncias ou – em dados momentos – são fortes o suficiente para provocar mudanças para além de seus muros e de suas ações.

O livro que temos o privilégio de prefaciar é uma instigante reflexão, talvez um alento diante da situação complexa – para evitar adjetivos mais drásticos – que a universidade brasileira tem vivido. Uma busca rá-

---

<sup>1</sup>DOI 10.29388/978-65-81417-40-6-0-f15-20

pida pelo termo-chave “internacionalização da educação superior” – foco do trabalho empreendido por Nilson e Marlize no âmbito do Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – retorna um número crescente de produções a ponto de tornar inescapável questionar: afinal, de qual internacionalização estamos falando?

A universidade é uma instituição que já nasce internacionalizada na sua energia de ir além das fronteiras para seguir questionando com rigor a dúvida milenar sobre onde reside a verdade das coisas. Mas, ao mesmo tempo, essa busca pela verdade não existe no vácuo da experiência e tem lugar tanto na experiência do tempo presente quanto nos cenários que a universidade, enquanto *locus* privilegiado de produção de conhecimento, se propõe a projetar.

Assim, falar da universidade do hoje nos compele a reconhecer que vivemos – a despeito da pretensão de um avanço do processo civilizatório – num tempo de intensificação das desigualdades, de autoritarismos, de neofascismo e de intensa disseminação de informações falsas (*fake news*), tendo como cenário a maior crise humanitária e de saúde pública no Brasil, produzida pelo descontrole de uma pandemia em curso. Os efeitos da pandemia de Covid-19 também chegaram à universidade, tornando mais grave a tendência de degradação que já se observava anteriormente. Para Santos (2020), esta é a oportunidade para que a universidade invista em alternativas ao modelo de sociedade e de civilização que temos vivido, de exploração sem precedentes dos recursos naturais, que, além da crise ambiental, pode nos levar a recorrentes pandemias.

Nesse ponto, Rita Segato (2020) salienta a importância de a universidade assumir seu papel social de realizar uma reflexão teórico-política, de modo que haja uma sensibilização ética que permita que as políticas ganhem vigência simbólica na consciência das pessoas, pois só assim elas serão efetivadas. Dessa forma, defender a universidade pública significa, também, defender a sua transformação, torná-la mais efetiva em seu compromisso social, mais inclusiva, plural e acolhedora. Segato, ainda, explicita a urgência, a partir de estudos e experiências, de captar e refletir sobre as brechas existentes na universidade, para romper com o imaginário dominante.

Como consecuencia de la equivocada asociación entre prestigio y verdad hemos conseguido una Universidad que no produce

propuestas de bienestar, que no sabe pensar colectivamente, cuyas metas se realizan en carreras individuales. Estas metas no formaron una intelectualidad capaz de pensar el mundo desde aquí y dar soluciones a nuestros problemas (SEGATO, 2012, p. 52).

Em seu artigo, Segato (2012) reflete sobre brechas descoloniais para democratização da educação, na ruptura de um sentido eurocêntrico, colonial-moderno e liberal: crítica histórica dos problemas do nosso continente, assumir a linguagem do direito à educação como um direito humano, respeitar a pluralidade da comunidade acadêmica, controle social dos conteúdos e métodos da educação, participação dos estudantes e estudos e manutenção da memória das lutas e demandas coletivas que impulsionam processos de democratização, numa inspiração comunitária.

O trabalho intelectual empreendido por Nilson e Marlize – agora mais amplamente compartilhado – está inspirado nessa perspectiva, alicerçada pelo vigor teórico e por um cuidado ético que também se traduz numa experiência desejosa de autoformação, de reinvenção de si. Como diz Boaventura Santos, todo conhecimento é autoconhecimento. Essa intencionalidade está presente nas palavras do autor: “A construção da presente obra, desde a gênese, revelou-se um processo de constituir-se e reconstituir-se de conceitos, compreensões e interpretações acerca do objetivo e sua indissociável interseção como vivido subjetivo” (2020, p. 6).

A temática do livro que nos coube a honra de prefaciá-lo diz respeito à Internacionalização da Educação Superior e os efeitos dos olhares do Sul. Esses olhares são construídos e interpretados ao longo da escrita, pois o Sul significa dar visibilidade e relevância aos saberes, às experiências e às imaginações como metáforas do sofrimento humano causado pelo capitalismo predatório, pelo patriarcado e pelo colonialismo. A temática visibiliza projetos e experiências de duas universidades da América Latina (UNILA e UNC), captando e refletindo sobre as disputas em questão, envolvendo as concepções e estratégias de internacionalização da Educação Superior como um campo de possibilidades que pode ir na contramão da mercantilização e da defesa do modelo único de universidade, próprio do capitalismo universitário.

Consideramos que, ao direcionarmos nosso olhar para a realidade da América Latina e para essas suas duas instituições universitárias, vislumbramos que suas singularidades e aproximações marcam uma

perspectiva de crítica política à racionalidade neoliberal articulada ao pensamento da ultradireita ideológica. Wendy (2019) contribui para compreendermos que o neoliberalismo é cada vez mais instrumentalizado pela economia (poder econômico que gerou plutocracia). Nesse sentido, a democracia sufocada é o germe da antipolítica, da negação do espaço público como partilha e do afastamento da afirmação do sujeito político-democrático, referenciado pelos valores da igualdade, da solidariedade e da pluralidade.

A democracia, cada vez mais apartada da verdade, da responsabilização, da resolução de problemas e da construção de alternativas, desconstitui ou invisibiliza experiências virtuosas, potentes e que podem expressar sinais, fragmentos e sensibilidades na urgência de pensar para aquilo que está além do instituído. Nesse movimento, o autor assume a historicidade do conhecimento como aproximação da verdade, a realidade como não neutralidade, como um conhecimento que vai se fazendo e se refazendo para pensar e refazer o mundo. Isso porque uma das oportunidades da universidade pública para fortalecer sua responsabilidade social é justamente participar na disputa das narrativas sobre a natureza das crises em que vivemos e os caminhos do futuro.

Falamos, portanto, que a defesa da universidade pública, do conhecimento e do livre pensar tem atravessado historicamente as lutas na América Latina. Em 1918, em Córdoba (Argentina), estudantes ocupavam a universidade tricentenária em prol de uma educação mais democrática e libertária. Na esteira da reforma de Córdoba, seguiram-se lutas de mulheres e homens pela democratização do acesso e da permanência, bem como para ampliar a epistemologia de modo a acolher – na sua centralidade – o pensamento latino-americano. Uma riqueza da obra que agora chega às suas mãos é justamente olhar para a potência de Córdoba como uma possibilidade de nortear – ou **sulear**, se tomamos a *Nuestra América* de Joaquín Torres García como bússola e rumo – um repensar sobre a capacidade transformadora da universidade latino-americana e dos diálogos e racionalidades ao Sul da linha do Equador.

Assim, outro lastro fundamental do livro de Nilson e Marlice é sua compreensão da produção do conhecimento como espaço de formação ética e política na universidade. Com esse chamado, nos sentimos convocados a reafirmar que a Educação Superior tem papel estratégico de defesa da democracia na América Latina, num claro enfrentamento das várias formas de autoritarismo, da concentração de riqueza e poder

e, assim, contribuindo para fortalecer aspirações de transformação social, política e cultural no mundo contemporâneo.

Sinalizamos a relevante escolha de Nilson e de sua orientadora Marlize em relação aos casos estudados (Universidade Nacional de Córdoba – UNC e Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA), pois são duas universidades que trazem na sua história questões que envolvem estudos, reflexões e perspectivas sobre problemas e os desafios da realidade latino-americana. Essa perspectiva está presente no cerne da missão dessas duas universidades. O trabalho salienta que a UNC tem como missão construir espaços de relação com diferentes autores internacionais, na promoção de projetos de cooperação com diferentes instituições de educação superior (redes, organizações regionais). Também, reitera que a UNILA tem a missão de construir uma integração solidária da América Latina, articulando uma diversidade de saberes na construção de sociedades mais justas.

A UNC traz na sua história marcas do Movimento da Reforma de Córdoba, tendo sediado o CRES 2018, que dá visibilidade a essa história, reafirmando a ES como um bem público e o dever do estado em promovê-la. O documento, resultado da conferência, explicita princípios e um plano de ação para impulsionar a expansão da educação superior de qualidade, num movimento de defesa da inclusão social e da diversidade no contexto latino-americano. Ressaltamos algumas metas presentes, entre outras, nesse documento, as quais demonstram processos de ruptura com a ideia de educação como mercadoria: fomentar a inovação educativa, empoderar a participação das mulheres e estudantes na vida universitária, construir ciência e tecnologia visando sustentabilidade, fortalecer a formação humanista e integral na efetivação da responsabilidade social da educação superior.

A construção da UNILA, objeto de atenção no trabalho de pesquisa de mestrado de Nilson, está inserida num projeto de democratização da educação superior, no período 2010-2016, sendo a perspectiva nuclear a integração latino-americana, o respeito à pluralidade e à diversidade de nosso continente, incorporando seus matizes na construção do conhecimento voltado para os problemas locais do Sul global. Este foi seu elemento distintivo de emergência. Hoje, passados dez anos de sua criação, alguns desafios ainda estão por se cumprir, outros resistem diante ataques feitos interna e externamente à instituição. A intencionalidade de construção do projeto da UNILA não partiu de um modelo pronto de

universidade, mas foi resultado de um conjunto de ações e de pensamentos com a participação de diferentes atores institucionais latino-americanos e de outros países.

Os autores, contemplando o estudo dessas experiências sobre as políticas de internacionalização e os olhares do Sul, trazem contribuições teóricas e reflexões, numa perspectiva contra-hegemônica, descolonial. Os movimentos de internacionalização solidária e democrática estão em disputa com movimentos oriundos de uma concepção meramente comercial.

Afirmamos – e você tem agora oportunidade de conhecer – a qualidade do estudo e uma capacidade de escrita autoral que são sensíveis às urgências do nosso tempo. Esta obra, pensada e escrita a quatro mãos, costura um olhar atento às experiências potentes do presente com uma imaginação social, política e institucional, como um ato de coragem e amor ao mundo. Exatamente por essa razão, é uma narrativa da potência e das possibilidades que as experiências e as trajetórias dessas universidades representam no cenário da Educação Superior da América Latina. Como uma narrativa honesta e bem fundamentada, ela nos convida a pensar a internacionalização a partir de uma mirada que nomina e enfrenta posições hegemônicas sobre o tema, mas não se omite sobre as contradições e os embates que permeiam tais contextos. Mais do que isso, nos convida a conhecer essas experiências e, com isso, “romper o binarismo entre o EU e o OUTRO em direção a *NOSOUTROS*, que pautados pela interculturalidade, integração solidária e cidadania democrática suleiem outras internacionalizações”.

Hamilton de Godoy Wielewicki  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Maria Elly Herz Genro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).